

A «Filosofia Galega» e a poesia de Manuel Maria

§ 1.º

Manuel Maria e o seu crítico Xosé Estévez

Manuel Maria, de seu nome completo Manuel Maria Teixeira, é uma grande voz poética da Galiza dos últimos trinta anos, assaz conhecida em Portugal, que tem dado à Cultura do seu país e às suas vinculações com Portugal contribuições valiosíssimas, artísticas e críticas, assinalando-se acima de tudo como poeta, digno de ombrear já com as maiores figuras do passado e do presente. Nascido em 6-X-1930, no termo de Outeiro de Rei, na Terra Chã ou Chá (como dizemos no Norte e na Galiza espanhola), da província de Lugo, inicia a sua carreira poética em 1941-1942, ainda sem ter bem consciência da sua genialidade galega, que Álvaro de Las Casas lhe revelaria, com a sua Antologia de poetas galegos, além de outros autores. Mas é sobretudo a partir de 1950, na atmosfera cerrada do Franquismo, perseguidor das entidades ditas regionais, incluindo o folclore, que publica os seus versos, que se sucedem em ritmo vertiginoso, mesmo depois: *Muiñeiro de Brétemas, Morrendo a cada intre, Advento, Libro de pregos, Terra Chá, Documentos personaes, Mar maior, Cantos rodados pra alleados e colonizados, Poemas ó Outono, Poemas pra construir unha patria, O libro das baladas, Catavento de neutrós domesticados, As rúas do vento ceibe, Versos pra um país de minifundios, Versos pra cantar em feiras e romaxes, Canciós do lusco e o fusco, Remol, Informe pra axudar a alcender unha cerilla, Odas num tempo de paz e de ledicia, Versos da labarada estremecida, Laio e cramor*

pola Bretaña, Escolma de poetas (imaginários ..., que tem passado como antologia!) *de Outeiro de Rei, A luz resuscitada, Cantigueiro de Orcellón* (com o pseudónimo, tirado da «Escolma», de E. A. Reque Varela), *O camiño é unha nos-talxa, Oráculos para cavaliños-do-demo, Versos do lume e o vaga-lume, e Ritual pra unha tribo capital de concello*. Apesar de imponente esta lista, tememos que não esteja completa, sendo, como é, copiosa e magnífica a produção *tenaz* de Manuel Maria, inspirada pela mais pura sinceridade, a cada visita da sua Musa enamorada. Importa, a bem da Cultura Galega, e mesmo Lusíada, que todos os seus futuros livros tragam o elenco das obras anteriores, com indicação de local, data e editora, o que nem sempre sucede. Como não nos vamos ocupar do conjunto da sua vasta obra, mas só de examinar as suas relações com Portugal, daremos antes a palavra a um lúcido crítico, — que nos fala significativamente do último livro de versos de Manuel Maria, revelando todo o espírito e toda a apurada técnica, moderníssima, do Poeta — e omitimos a referência a tudo que não seja poesia, da sua lavra¹.

Este crítico, mais moço, é Xosé Estévez, nascido em Quiroga (Lugo), em 1943; formado em Filosofia na Universidade de Madrid, exerce, desde 1973, o cargo de professor de História Moderna na Universidade de Deusto, cidade de San Sebastián, em Euskadi, ou seja no País Vasco; e tem publicado trabalhos acerca do Nacionalismo vasco e das relações entre os Nacionalismos vasco, galego e catalão, do maior interesse para a compreensão de um dos mais prementes problemas do Estado espanhol.

A sua crítica, que vamos transcrever em seguida, ao livro de Manuel Maria, *Ritual pra unha tribo capital de concello*, dará ao leitor a dimensão intelectual e filosófica do autor da crítica e ao mesmo tempo elucidá-lo-á, curiosamente, sobre o cerne da Filosofia Galega! Cumpre-nos agradecer-lhe a

¹ Cfr., quanto às notícias bio-bibliográficas de Manuel Maria: Camilo Gómez Torres, *Manuel Maria, Versos de 30 Outonos (1950-1979)*, escolma e limiar de ..., Santiago de Compostela, ed. Xistral, 1980, em que há também um resumo breve da Poesia Galega do pós-guerra.

autorização para transcrever em ortografia portuguesa o seu texto, exarado na ortografia castelhana, ainda em uso, para defesa da língua, em muitos sectores literários galegos, enquanto outros, como Manuel Maria em alguns livros, adopta a «ortografia galega integrada», mais próxima da portuguesa e brasileira².

Seguir-se-á uma nota, de nossa autoria, sobre um problema importante, que procuramos estudar: a posição de Manuel Maria em relação a Portugal, a que nos referimos. E por fim as nossas conclusões, se assim lhes podemos chamar.

Em apêndice: um vocabulário de expressões, menos usuais entre nós, dos textos galegos transcritos.

§ 2.º

Manuel Maria e o seu «existencialismo» na Poesia Galega contemporânea, segundo Xosé Estévez.

O volume *Ritual para ũa tribo capital de concelho* (grafando já à portuguesa), a última e inspirada mensagem de Manuel Maria, abre, conforme dissemos, por um *Limiar* ou prefação de Xosé Estévez, de que transcrevemos a análise minuciosa, em vários degraus, «labaradas» ou labaredas que, mais do que *focagens*, são fogachos, marcos luminosos a clarear-nos o caminho da interpretação:

«(...)

Na primeira labarada analítica, é convinte disterar dous pranos: fónico ou formal, ou conceptual ou de contidos.

² O livro em referência: Manuel Maria, *Ritual pra unha tribo capital de concello*, Ourense, ed. Follas Secas, 1986. Prólogo (aliás designado «Limiar», pp. 7-28) de Xosé Estévez; capa e ilustrações de Felipe Senen. Exemplo do labor histórico de Xosé Estévez são os seus magníficos, elucidativos *Apuntes para una Historia de las relaciones políticas entre Galicia, Euskadi y Catalunya (1900-1950)*, publicados em «Letras de Deusto», vol. 13, n.º 27 (Set.-Dez. 1983).

A) PRANO FÓNICO

No prano fónico, atopo algũas facianas sinhificativas:

1.º *Versolibrismo*. — Adevirte-se ũa ausência de rimas principais e de analogias quantitativas. Dentro do versolibrismo, predominam os versos de fasquia tradicional, com certa hegemonia dos de arte-maior, e sobranceando os endecassílabos, octossílabos e heptassílabos. Nalgũas ocasiões mesturam-se c'os de arte-menor, jogando com ũa dualidade de cariz pé-quebrado.

2.º *Ritmo*. — Dominha um ritmo dual. Nos versos onde sobressaem os advérbios e os verbos, o ritmo é passeninho, namentras que, naqueles nos que sobressai o elemento nominal, o ritmo é forte. Ista dualidade rítmica pode dar-se em poemas distintos, ou bem num mesmo poema, creando-se assi ũa alternância de jeitos de expressão.

3.º *Aliteraços*. — Há i um jogo delas, moi marcadas co'as nasales e vibrantes, especialmente nas sílabas travadas; e outro jogo, tamém, de possíveis aliteraços, são as rimas internas.

4.º *Encavalgamentos*. — Aparecem nidiamente nos versos com hegemonia dos períodos sintáctico ou semântico. Há i versos onde se joga c'o encavalgamento, a miúdo fraguento e, maiormente, soave.

Em síntese, no prano fónico, a característica mais sobressaínte é a dualidade, loita e enfrentamento de dous sistemas, que se corresponde no prano conceptual com dous jeitos globalizadores de olhar o mundo, como seguidamente estudaremos polo miúdo.

B) PRANO CONCEPTUAL

O livro contém 77 poemas, sem fronteiras temáticas, ainda que a minha intenção crassificadora atopou istes blocos: a Terra, ritos e lugares, as gentes, as cousas íntimas; de novo as gentes, o tempo, a tribo: síntese telúrica. Em-porisso, as ideias-guieiro do livro são, ó meu parecer, três: o espaço vital, a filosofia existencial e a concreção tribal.

I. O espácio vital

A vida desenrola-se num espácio vital moi concreto, a tribo de Outeiro de Rei, povo natal do poeta, seguindo uns princípios existenciais idiossincráticos da Filosofia Galega. A concepção do espácio bisbarral amostra ùa comovisão panteística de carácter goethiano, que já indicou Gualter Póvoas em *A luz ressuscitada*³.

Iste panteísmo cósmico está sujêto a ùa cadência medida, que enceta na auga, rige o mundo como Terra, e remata na harmonia astral. Mais ista visão universal materializa-se nũa terra, a tribo outeirá, que tem uns lindeiros concretos e catro elementos fundamentais, reticularmente junguidos entre si e co'a gente. São a terra, a auga, o lume e o céu. Tal jeito, teluricamente integrador de entender o espácio immediato, amossa ùa visão arquetípica primitiva⁴. Imos a pescudar nos caracteres de cada un.

1.º *A Terra*. — É simbolizada num senso individual pola nai, «a terra posta em pé e caminhando», e, num senso étnico-comunal, pola *tribo*, o nome mais citado ó longo do livro, justamente 36 vezes em 35 poemas.

A tribo é um ser *immorrente*, representado pola *lamparilha* da eireja parroquial, luz e lume que *endejamais* esmorece. A tribo é o *espácio mais íntimo da vida*, com um *tesouro*: a presença do poeta, e ùa *essência*: os defuntinhos. A tribo garda catro elementos sagros: o Minho, o Campo de Santa Isabel, feiticeira carvalheira das romerias a-carão do Minho, a eireja parroquial, e Paderna, o poeta e a palavra da tribo.

É um crime de lesa-pátria não *identificar-se* co'a terra: e atal fai o maragato.

A terra enfeitiça-se c'os epítetos mais dispares, nídia manifestação da sua riqueza agarimadora: é moura e gene-

³ Gualter Póvoas, *Advento duma «Filosofia Poética» da Galiza neo-romântica*, em «Notícias de Guimarães» 21 e 28 de Dezembro de 1985. — Nota de Xosé Estévez.

⁴ Os estudos de Antropologia confirmam iste jeito de olhar o mundo polos Galegos. Ver: Mandianes Castro, M. Loureses, *Antropologia dunha parroquia galega*, Vigo, ed. Galaxia, 1984, pp. 53-89. — *Idem*.

rosa, pura e carnal, apaixonada, humilde, breve e silandeira, rasa, humana e velha, frígada por caminhos velhos, tortos e duvidosos, etc.

Dous seres arrequentadores alporizam a terra: os *animais* e as *árvres*. Atravérso dos passaros, animais aéreos, a Terra jungue-se c'ó Céu, e, mediante as *árvres*, engrança co'a auga e c'ó lume.

Sobressáem duas crasses de animais: *os passaros*, símbolo da liberdade, e *o cão e mais os porcos* (o poema 22 está adicado a eles), animais terrestres e caseiros, símbolos respectivos da lealtade e da fartura, e que, ademais, convivem co'a gente.

Entre as árvres merecem os *carvalhos* abondosas menções, como temas representativos da madurez e recidume galega, e a éles adica um poema inteiro, no que são *antropomorfizadas*, com um vivaz, ancestral e mensageiro enternecimento. Os carvalhos, «velhos e fermosos», são «seres vivos que cantam, sofrem, amam», produzem «um inquêdo tremor respêtuoso», e «a sua sombra é um enigma difícil de esculcar». Falam com ùa «voz rouca e cambiante» e «um tremor escuro de salmodia», e o seu canto «é humano e vegetal». «Que mensage nos querem transmitir?».

Ista antropomorfização ampria-se às restantes árvres, que, como o cedro, decatam-se do amor do home, afiúnçam as suas «puras intimidades vagorosas», sofrem em silêncio e falam apaixonadamente.

2.º *A auga*. — É o segundo elemento integrador nomeado, junto co'as variantes de rios e regatos, em 16 poemas. *A auga cobre-se duns feitiços especiais*: tem métrica e ritmo, é fonte da vida, jungue o mundo terreal c'os astros, e, juntamente c'ó ar, fai surdir a erva, prosaico condoito do gando, mais tamém «sendeiro das ensonhaciôs», que, diste jeito, dende o magim, podem caminhar polo chão, adequirindo ùa certa capacidade real.

A auga persoaliza-se no Rio Minho, pai e rei das augas. No poema 12 é avaluado de sagro, deus inhoto e misterioso, de música lenta, solemne, revelação da tribo e chave do nosso ser. O Minho engendrou filhos: Rio Pequeno, Ladra e Regato do Cepelo. Por iste derradeiro, sinte o Poeta ùa afervoada querência, adicando-lhe um poema inteiro: o 14.

Há i ùa manifesta escolheita do Poeta polas augas superficiais, que alêdam a natureza, e molham e fartam as ervas, contra das ruís augas soterradas dos poços, que trouxam medo, turbamento, acoro e, cecais por piedade, um pouco de tenrura.

3.º *O lume*. — A morfologia do lume configura-se dum jeito semelhante ao da auga. Queima os lixos interiores, purifica o sangue, é vivificador e reconfortante. O lume chega ó curuto facheante num *tempo*: a lumieira de São João (adica-lhe o poema 28), e num *espácio*: o lar, a lareira. O lume de esta é vivificador, confortante, ancestral, «mágico e perfecto paradiso». No pensamento do poeta e sobretudo na sua estimança, até tal cúmio se ergue a lumieirada sanjoanesca, que na vida comunal anual somente há i cinco intres de ledícia: a fogueira de São João, a seitura, a matança dos porcos, o Campo de Santa Isabel e o Regato de Cepelo.

O lume tamém se identifica c'a luz, citada em doze poemas. Esta identificação é total na Primavera, restalante labarada da natureza. A nossa existência é ùa luz alcendida polos devanceiros, o tempo é ùa luz tremelante, o mencer produz ùa luz virge e o horizonte é ùa luz sonhada e irreal, os versos engendram luz e o solpor é o êxtase da luz.

A luz, na companhia dos passaros, engrança c'o quarto elemento integrador: o céu.

4.º *O céu*. — O céu azul-grisento, ademais de a luz e os passaros, acolhe no seu sêo os ventos, as névoas, as nuvens e o sol.

Os *ventos* são negativamente alcumados: ouveantes, desolados, tolos, tormentosos, geados, frios e ligeiros. Em três ocasiões tenhem um júizio mais favorável: ceives e velozes, puros e conferidores do «outo dom da vida e da palavra».

As *névoas* são como um fino cendal, grisalho, misterioso e impenetrável.

As *nuvens* chairegas são patéticas e acordoadamente adubiadas co'a côr gris.

O sol está facheñosamente presente no poema 68; pró é um sol contradictório. Por ùa banda, agarima, sorri, e é ùa amável melanconia delicada e ùa camélia sonhadora; mais, pola outra, no *Vrão*, fai-se queimante lume abrasador — nídia amiudação enfática —, enveredador de nuves e agre cheirume a humanidade, e dum silêncio pesado e abafante, onde surde, como um berro, a desolada canção das carricantas.

Desta longa excursão descriptiva polos catro elementos integrantes e integradores do espácio vital, pode colegir-se ùa síntese em catro pontos:

a) A análise robor a cosmovisão panteísta, na que os catro elementos integrantes: terra, auga, lume e céu estão junguidos telúrica, homogénea e totalizadamente. O centro espacial, onde se efectua a integração cósmica, é a terra e tribo de Outeiro de Rei, e, dentro dela, o Campo de Santa Isabel, emmeigadora carvalheira bicada polo Minho. Nela: erva-auga-Minho-árves-lume-passaros-céu-gente-terra-tribo são «um cósmico latejo indivisível».

b) Namentras o céu é o que mais desentona com côres negativas, a terra, a auga e mais o lume, sobretudo a primeira, são farturentos motores da vida humã, e procamam o arraigamento do poeta na realidade do home e os seus arredores, ainda que iste axioma já o adianta no poema 1, ó declarar-se irmao das cousas da vida.

c) Ademais dum estreitamento cósmico integrador *ad intra*, espelha especialmente o poema 56 um junguimento encontra do *extra*. Os animais, caminhos, pedras, ar, árves e gente da tribo vigiam, esculcantes, cara à invasão polo alhêo.

d) A conjunção integradora cósmica é algo sagro, e acada o estado perfecto na morte, que é vida.

II. A Filosofia existencial

Os princípios filosóficos que ajustam e informam o jeito idiossincrático de vivir e existir num espácio vital concreto, a terra e a tribo, — outeirá, mais ampriável ó resto da Nação Galega —, manifestam-se na maneira de comprender os temas fondamente existenciais, como o tempo, o amor, a palabra, os silêncios, o mistério, os sonhos, as lembranças e a nostalgia.

1.º *O tempo*. — Desenrola-se em três conjunturas: a vida, as edades e a morte.

A *vida* é o tempo como realidade totalizadora e abrangente da jeira existencial. Distera o poeta, no poema 45, entre a vida colectiva da gente e do povo, que *permanhece* ó rás do chão como a pedra ou a carpaça, e a vida *individual*

do próprio poeta, fugidia, e sombra d'ua nuve. Há i, polo-tanto, um jogo dialéctico e complementário entre o fugidio — o Poeta=indivíduo —, e o permanente — a gente=o povo.

Em-porisso esta passageira inseguridade da vida sòmentealcontra um lenitivo afinçador na *afeuzada proteção* da casa familiar, «lume ancestral, perenne e garimoso da lareira».

As velhas *lembranças* familiares proporcionam ùa certa caste de vida, «eternidade pequeninha concedida polos deuses ós mortais». Esta vida, engendrada pola lembrança, recorda as *Coplas* de Jorge Manrique, que distingue três vidas: a terreal, a do mais alá, e a renovada pola lembrança. Abunda iste mesmo concepto no poema 50, cando afirma que a lembrança do pai «é um tempo immóvil feito luz tremelante na lembrança».

As *edades* são intres divisórios dos avanços vitais do home. O percorrido vital humão concebe-se num senso naturalista. As edades, no poema 44, são comparadas a árvres e matorrais, enraigados e cravados na terra. Os petrúcios são relhas de arado; as velhas: firmes, caladas, pegadas ó chão como carpaças; os homes: carvalhos; as mulheres: avidoeiras; os moços: buxos e loureiros, e as rapazas: camélias. Sòmente os nênos, esquencidos e perdidos, estão vencelhados a um senso mais passageiro, cecais junguido ó triste acaescer histórico de nenez do próprio poeta, lene brisa atormentada, perdida polas fondas e escuras corredeiras, sem que se soupera dela nunca mais.

A *morte* não é o remate da vida, senão ùa dormição, que juncue, sem fronteiras, os vivos e os mortos. Não deve existir amor pola morte contra a vida, já que não há i morte, «só a ressurreição é a verdade», e «os defuntinhos são a verdade fidel que permanhece, guiando e amparando ó nosso ser». No poema 77, que remata o livro, acada-se o paroxismo compreto e telúrico do junguimento, ó deitar-se o poeta no acougo passeninho da terra outeirá: «moi devagar, dum jeito lúcido, /fazendo-me, pra sempre, terra tua,/ ensumindo-me, calado no teu sêo».

Em resume: o concepto do tempo não é ruptura, senão seqüencialmente integrador e pegado à realidade vivencial, sem traumatismos entre o tempo vital e o tempo mortal, já que vivos e mortos compartem o mesmo rito existencial.

2.º *O amor*. — O amor do próprio e desamor do alhêo é o nó que enfia a cerna do livro; mais em três espaços fundamentalmente simbolizantes é onde o amor conquiere um cúmulo totalizador.

O espaço íntimo: o amor de Saleta, inseparável companheira, latejo emocioado e assombro puro.

— *O espaço familiar*: o amor da nai, que é rudeza, culto puntual dos defuntinhos, palavra desbordada, lume vivificador e sempre aceso, firmeza e terra ergueita.

— *O espaço clânico*: o amor a Outeiro de Rei, terra, luz, lembrança, vento, bágoa, laio e vencelho telúrico.

Em-porisso a tribo é o recuncho abrangente dos três amores.

3.º *A palavra*. — A palavra é um dom tão outo como o da mesma vida⁵. Diste jeito, a palavra adquire ãa força creativa. Entre a vida e a palavra enxerga-se ãa entretecida complementariedade: a vida grangêa feitura actuante e comunicante na palavra, e esta deixa-se trabalhar pola vida.

Pessoas e cousas possuem a mercêde da palavra: o Minho, a fonte, emissária de verbas de ar e cristal, as árvres, que pronunciam palavras translúcidas, fondas, íntimas e humanas, o pai, de fala garimosa, a nai, nobre palavra desbordada; e mesmo há i um lugar sagro pra falar consigo mesmo: a eireja parroquial.

Tamém existe a *palavra colectiva*: a da terra, a do povo, palavra ancestral e verdadeira, palavra sagra, que se fai sóido na voz do poeta, moitas vezes incomprendida.

A palavra é tão importnte, que mesmo os seres mais queridos, pai e nai, são metaforizados pola palavra, e fica constituída no senheiro meio para o diálogo e o entendimento entre o poeta e o povo. Porém o poeta alporiza-se, porque, falando as mesmas palavras, ambo-los dous não se entendem.

⁵ Convém lembrar que na obra poética de Manuel Maria a palavra é um dom outamente avaliado em *A luz ressuscitada* (pág. 82), onde lhe adica um poema. Na mente popular galega a palavra é algo sagro, e a «falha de palavra» — a mentira — é a meirande felonía. — *Id.*

Em síntese: a palavra possuem-na todo-los seres, constitue o único meio de comunicação e entendimento, e o poeta é a autêntica palavra do Povo.

4.º *Os silêncios.* — São os contrapontos da palavra, que se manifesta de jeito activo — ó falar —, ou passivo — os silêncios. Em *A luz ressuscitada* (pág. 125) singulariza o silêncio cósmico; mais neste livro pluraliza os silêncios, porque ementa os silêncios tribais mais próximos, íntimos e concretos. A palavra é algo sagro, que o cobre todo; pró os silêncios são pequenos intres, anacos calados da palavra. Por moito que se esculque, não se atopa o silêncio, senão os silêncios.

As árvres sofrem em silêncio, Outeiro de Rei é ùa chaira silandeira, as tardes são silandeiras, há i silêncios pesados e abafantes no Vrão, e o poeta, palavra sagra, ancestral e incomprendida do povo, tamém é portador dos silêncios da tribo, identificados com três recantos amados: Porto Carral, Trás-da-Santa, e Regato do Cepelo.

5.º *O mistério.* — Apesares de que o Poeta pescuda todo-los currunchos da tribo, pra desvear os seus segredos, sempre há i alguns lugares e fenómenos envoltos pola nebra do misterioso, inegável, sombriço, enigmático e agachado: o Minho, o vento, a sombra da carvalheira, o sangue ancestral da gente da tribo, o não-ser, o nada, os espelhos da casa, os gitanos, o lume iniciático da Primavera e os solpores de Setembro.

O mistério tem ùa faciana tangibre: a sombra que se corporeíza em pessoas e cousas de acaroamento cotião:

— A sombra da *carvalheira*, que genera mistério;

— O *Poeta*: sombra fugida dũa nuve, *incomprendida* pola tribo;

— O *ouvêo do cão* na noite: sombra geada de *arrepio*;

— Os *mendinhos*: sombra desolada e trágica, símbolo da *pobreza*.

Em Rosalía de Castro, e no mesmo Manuel Maria em *A luz ressuscitada* (pág. 117), mistério e sombra são conceptos prenamente semelhantes; mais neste poemário da tribo o mistério semelha ter ùa dimensão máis cósmica, e a sombra ùa fasquia máis tangibre e concreta.

6.º *Os sonhos*. — A fonte dos sonhos verdadeiros, próprios e calados é o fondo do nosso ser; pró podem sair do interior e ubicar-se fisicamente. Podem caminhar pola erva, e, às vegadas, identificam-se com certos lugares: Porto Carral, Trás-da-Santa, e o Regato do Cepelo. Ainda máis: Outeiro de Rei, o sagrêdo lugar dos sonhos, ou o desaparecido quiosco eram o altar dos sonhos.

As cousas podem originar sonhos de pantásticos foguetes multicores, como o trem, e mesmamente os animais são capazes de provocar sonhos, pra arrolar docemente entre sonhos de oucas e andorinhas.

Tamém as persoas, ou certa crasse delas, provocam, nos demais, sonhos enigmáticos e vagamundos: caso dos gitanos.

Em síntese: aínda que o Poeta não estabrece ùa nídia diferença, há i duas crasses de sonhos: os interiores, que acougam no fondo de nós mesmos, e os exteriores, localizados nas cousas ou concebidos polos animais.

7.º *As lembranças*. — Persoas e cousas são objeto das lembranças: o Campo de Santa Isabel, o quiosco da música, a casa petrucial, o irmão e o pai mortos, o tolo, Outeiro de Rei, o alhêo, os velhos carros do país. As lembranças não sòmemente se assentam na memória, senão que tamém se transportam ó reino da ubicação, em parages fixos: o quiosco da música, Outeiro, o Campo de Santa Isabel, arquivo das lembranças, e a casa petrucial, lugar e santuário das velhas lembranças familiares.

As lembranças empuxam o ressurdir das persoas e das cousas — repite-se o concepto manriquenho —, que cobram vida renovada. Assi, as lembranças são ùa *eternidade* pequeninha, concedida polos deuses ós mortais; o tolo *vive* na lembrança, e os carros *cantam* na lembrança. Porém àquêl que não se identifica co'a tribo, não se lhe concede o priviléjo da ressurreição pola lembrança: o maragato, ou a mesma tribo, que, a-piques-de perder o seu ser, é ameaçada co'a agonia dũa lembrança gris.

Os feitos: cousas ou persoas que generam lembranças colectivas ou familiares, são positivamente avaliados: o pai, o irmao, a casa petrucial, o quiosco da música, o Campo de Santa Isabel, Outeiro de Rei; mentras que as lembranças individuais são motejadas de probes e pálidas.

Como moitas lembranças engendram nostalja — por exemplo: o pai, no poema 50 —, passamos à análise desta derradeira.

8.º *A nostalja*. — O poeta utiliza «melanconia», «senhardade» e «nostalja» como termos e conceptos parelhos; pró sobeja o derradeiro, pra expricar o sentimento de vencelho íntimo e telúrico co'as cousas e persoas, produzido pola sua lembrança, contacto ou arredamento.

Há i nostaljas normais, que geram os lugares: Campo de Santa Isabel, Trás-da-Agra, A Varziela, Aldai, Gimarei, os Sengildes; os fenómenos naturais: os intres de sol de Inverno, os solpores de Setembro, o marmúrio do Outono e os solpores em geral; e tamém as acordanças das persoas: o pai ou o afiador. Mais tenhem um cariz especial duas nostaljas: a nostalja delicada e apaixonada da tribo, Outeiro de Rei, e a dos defuntinhos, que é mais lídima.

A análise distes oito conceptos manifesta o jeito genuíno de entender o devir existencial por parte das gentes dum pequeno povo galego, — ampriabre ó resto da Nação Galega —, que tivo a sorte de ter a palabra, nobre e desbordada, dum poeta de seu.

III. A actualidade tribal

A descrição, a caracterização, actualidade e compromisso co'a tribo natal é, ó meu modesto entender, o eixo e nó fundamental diste livro de poemas, que supõ um verdadeiro mosaico etnográfico, chèo de autenticidade e poesia, contra dos intentos de alheamento e domesticação, impostos pola colonização da capitalidade do concelho. Niste terceiro apartado, coído necessário disterar três pontos: a descrição da tribo, a caracterização e a actualidade, e o compromisso com ela.

1.º *Descrição*. — Continuamente desfilam com desenhos garimosamente singelos, as cousas, ritos e persoages que configuran a essencialidade da tribo. A olhada espreitadora, experimentalmente conhecedora, do poeta examina os lindes, a ausência do cruzeiro, o horizonte, os ventos e as névoas, os caminhos, o Rio Minho, os rios menores, o Regato

do Cepelo, eireja parroquial, a casa do concelho, a casa-grande, o Campo de Santa Isabel, a fonte comunal, a carvalheira, o moínho, os prados, a ermida, a Fonte da Picha, as tabernas, as encruzilhadas, os poços, os velhos carros, os trens, alguns lugares especiais, os batujos, o quiosco da música derrubado, as medorras, três lugares nostálgicos, as barcas, a horta familiar, o cedro, os caneiros. Os personagens extra-familiares e familiares estão presentes: o manda-máis, os funcionários, os alhêos, os mendinhos, o maragato, o afiadador nómada, os gitanos trota-mundos, os titiriteiros, os devanceiros, os defuntinhos, o irmão e o pai mortos, a nai, os jornaleiros e criados da casa, o poeta popular da tribo: Paderna, e a gente do comum. Não esquece os ritos e festas: a romeria de Santa Isabel e outras, a matança dos porcos, a noite de São João e o jogo das ôlas pola Páscoa Frolida.

Tão-pouco esquece as estações que alindeiram convencionalmente o tempo: Primavera, Vrão, Outono e Inverno; e a vida do home: infância, juventude, madureza, velhez,

Mais a descrição somente é o primeiro passo, dado pra rubir ó estádio da caracterização.

2.º *Caracterização*. — A tribo de Outeiro de Rei, em que viviu o poeta e a gente de seu, enfeitiça-se com estes arnages:

A tribo é o *espácio íntimo* da vida, que contém um *coração*: a lembrança do quiosco da música derrubado; e um *tesouro*: o poeta Paderna. Está *deitada*, a piques de morrer, e semelha ãa barca velha no meio dum rio, que não *avanta*, pró tão-pouco *afonda*. A tribo assenta-se nãa terra moura e generosa, pura e carnal, apaixonada, humilde, breve e silandeira, rasa, humana e velha, na que trabalha, vive, disfroita e sofre ãa gente de seu e ãa gente «afincada de velho, que dá confiança»: os Santos João, Bráis, Isabel e Ramón.

A tribo, como a casa, possui um "enigmático" alboio, *mágico trasmundo*, no que vivem os esborralhados caneiros, e *catro lugares sagros*: o Campo de Santa Isabel, o Minho, a eireja parroquial e a palavra do poeta Paderna.

A tribo precisa *governo*: a voz do pai, e *fidelidade* como a do cedro, a do Regato de Cepelo, que nace e morre na tribo, e a dos defuntinhos, verdade fidel que permanece. Os ancestros estão *eternamente presentes*, pois *alcenderam*

o nosso ser, são a essência da tribo, e, mediante as *campás*, *voz comunal*, junquem-se c'os vivos.

A tribo *gaba-se* dos seus ritos: noite de São João, romeria de Santa Isabel, as matanças dos porcos, o jogo das ôlas, o culto ós defuntinhos; mais também se *avergonha* dos lugares alhêos e arrepiantes como a casa do concelho, ou de *gentes não identificadas com ela*: os funcionários, agás o médico, o maragato, os manda-máis e as «chilhonas bandeiras estrangeiras». Outras gentes, que apareciam ocasionalmente, alcendiam mortecinhas fogueiras de tremor: gitanos, forasteiros, afiadores, mendinhos, titiriteiros e o tolo.

Todo-los caracteres podem resumir-se em três fundamentais: a tribo semelha ùa casa familiar (lareirização), com arnages moi paralelos ós das pessoas (antropomorfização), e é o espácio vital no que o poeta e a gente da tribo — e, por ampriação analógica, os restantes Galegos — vive, e sòmentes nil pode viver e desenrolar o seu ser, como gente e como galega. Iste é um concepto moi semelhante ó que os filósofos entenderiam por «polis» na anterga Grécia.

Porém a tribo, na actualidade, atopa-se nũa situação de crecente estombalho, e precisa um urgente e rêjo compromisso, pra erguer-se, e não perder a sua entidade existencial específica.

3.º *Actualidade e compromisso*

A tribo, coutada por um bombardeamento alhêo e alienante, vive um crima tristeiro e pessimista, no que reina a *desconfiança e a resinhação, o amor pola morte contra a vida e a resinhada sòedade*.

A tribo está *chêa de mêdos*. Mêdos produzidos pola «escura fondura duvidosa dos poços», mêdos ancestrais, mêdos provocados pelo ouvêo do cão na noite ou pola presença dum tolo. Há i mêdos na infância, e o mesmo vivir cotião é mêdo e costume.

A tribo demoucaram-lhe as galhas mais feiticeiras: o quiosco da música, os caneiros, a casa-grande, a Fonte da Picha, as medorras, a ermida, o moínho, os carros do país, as velhas tabernas — casa aberta e comunal —, os antergos trens, as barcas; e o mesmo cedro salvou-se por pouco das gadoupas da morte. Acolhe, ademais, a felãos interiores: maragatos, funcionários, manda-máis e a casa do concelho.

A tristura envolve a existência da gente, e o próprio Outeiro de Rei é «tristura fonda, mesmo as romerias». A casa-grande e a ermida esfareladas, agromam tristura, as choivas invernais atristuram, os funcionários são a tristura cotiã, e comer e beber na lêda romeria de Santa Isabel fai-se com «tristura solemne e anterga». A hegemonia da côr gris reafirma tamém o ambiente de tristura.

A tribo é um povo mudo e resinhado, híbrido, immóvel e insensível, sem cruzeiro para ampará-lo, deserto, rotinário, deitado e dormido, sem ledícia nem canção e com podredume interior.

A gente da tribo, necrofílica e achantada, é como as velhas carpaças ou pedras que estão a rás de chão, semelha ùa misteriosa névoa impenetrável e, às vegadas, desconfiada e insolidária.

Em resume: a tribo não olha ó transcendente, nim nada de seu, morrendo a cada intre, sem norde, entre o ser e não-ser, semi-rural e semi-urbã, mudo passaro engaiolado, abertos olhos sem olhar, fume sem lume, perfectã descripção da contradictória e alheante situação dũa vila galega, capital de concelho, por outra banda apricabre à totalidade das vilas galegas.

Ista malpoucada conjuntura da tribo produz no poeta, palavra viva, um certo desalento: ùa lembrança agoniante, a incompreensão e a falha de diálogo, um arrepiante desterro interior e, às vegadas, o refujo no colo da horta familiar. Mais o poeta alporiza-se: sobrepõ-se ó desespêro e cobiça ùa solução mais comprometida e exigente. Berra, pra defender o ser originário esfarelado, pra que a tribo recobre o seu ser: o cedro, as velhas tabernas, os carros do país, o quiosco da música, a casa-grande, os ritos, os caneiros, o moínho, a ermida, a Fonte da Picha, etc. Denuncia feitos e lugares alheantes, infideles, e não identificados co'a tribo: concelho, funcionários, maragatos, manda-máis ...

Procrama ferventemente, como fitos simbólicos, os intres de ledícia anual, nos que a tribo amossa a sua verdadeira faciana: noite de São João, a matança dos porcos, o Campo

de Santa Isabel, a seitura e a humanidade amigável e solidária do Regato do Cepelo.

Derradeiramente, o poeta, no máis fondo e fermoso compromisso existencial, juncue-se e ensume-se, telúrica, solidária e intimamente, co'a terra. Esta aperta, esluínte entre a terra e o poeta, abre o livro no poema 1, e pecha-o no poema-remate: o 77. A tribo engendra ó poeta, e cobija-o no trânsito vivencial do fondo amor mútuo.

Um canto de esperança fica como um eco abelhoante:

Não há i morte.

Só a ressurreição é a verdade.

(Poema 37)

Dende o mesmo tíduo, contrapõ-se a dualidade tribo-concelho: é linha veicular do prano fónico, e o tema fundamental no conceptual-sentimental, no que se produce ũa dualidade e enfrentamento entre dous jeitos de entender e sentir o mundo existencial e vital galego, ó-traverso dũa vila, tribo e capital de concelho: um jeito originário, integrador, solidário, comunal de viver, a-piques-de ser assessinhado por outro, alheante e alheador, domesticador, desintegrador, sobre-imposto e axovalhador, que o poeta denuncia comprometida e teimudamente, com amor e tristura.

É iste poemário, polo-tanto, um verdadeiro canto lírico-etnográfico, que descreve certamente o espácio vital dũa vila galega, — assimlabre a outras da mesma Nação —, habitada por ũas gentes c'ũa filosofia existencial peculiar dos Galegos, mais aferrolhada e desnaturada pola imposição de conceptos e jeitos alhêos ó seu ser, e necessitada dum pulo ressurdidor. Na mesma situação de Outeiro de Rei da Terra Chá, tribo, povo e terra do inesquencívle Manuel Maria, há i moitas vilas na Galiza. Mais ningũa gerou ũa palavra viva, nobre, desbordada, telúrica, garimosa, lizegaira e manantia como a de Manuel Maria, que soupera cantar os seus falares, mences e deveres.

Graças, Manuel Maria! Perante a repetida lectura do livro e da longa gestação deste limiar, vivim, transportado pola imaginação, nãa vila semelhante a Outeiro de Rei: Quiroga, a tribo capital do concelho dos meus amores e das minhas dôres.

XOSÉ ESTÉVEZ

Hernani (Vascongadas), Outono de 1985».

§ 3.º

Manuel Maria e Portugal

Difícil, difícilimo sintetizar toda a obra de Manuel Maria que, lavrador inspirado da poesia, tem permanecido com a mão no arado a vida inteira:

*... sigo escrevindo sim parar*⁶.

Evidentemente que o crítico buscará, pelo menos em cada livro seu, encontrar uma chave, ideia-mestra, única dominante, como o fez Xosé Estévez acerca do *Ritual*. Mas a cada «conclusão» formulada, virá a deparar com surpresas, abrindo o livro que se segue! Tendo-nos proposto como tema o constante do título deste artigo, vemos facilitada a nossa tarefa, pois nos cumpre relevar na obra do *Poeta da Terra Chã* o que a Portugal se refere, conquanto se imponha naturalmente o dever de lhe indicar as presumíveis razões. Acresce que Xosé Estévez, na sua lúcida crítica, supre o que possa faltar.

Dois poemas tem Manuel Maria, designados *Portugal*. Não podemos deixar de os transcrever. O primeiro consta do seu livro *Remol*, editado em Buenos Aires, julgamos que em 1970⁷:

*Cheguei a Portugal, o coração na mão,
na amante companhia de Saleta.
Percurei a Camões e a Camilo,
e só atopei ó mar diante de mim.*

⁶ *Sei o que vale un verso*, poesia do vol. de Manuel Maria, *Remol*, Buenos Aires, ed. Nós, 1970, p. 17.

⁷ *Portugal*, no vol. cit., p. 39.

*Atopei o mar! E sempre o mar,
escoitando ós pinheiros rumorosos.
O mar da epopeia e dos naufragos,
eternamente deitado rente a ti.*

*Que longe Angola e Moçambique!
Macau, case irreal, carne de sonho.
E ti, meu Portugal, na beira-mar,
dando-lhe as costas à sedenta Ibéria.*

*Em ti atopei os sonhos meus.
Reconhocim em ti ó meu espirito.
Todo estava tão perto ó coração,
que todo o coração o adivinhara.*

*Comprendo, Portugal, a tua fachenda,
o teu sino arrepiante e grandioso.
O coitelo, que levas chantado no espirito,
fai escoar a tristura feita fado.*

Talvez fosse este (não sei) o primeiro contacto do grande poeta galego com «a terra irmã de Portugal» (Teixeira de Pascoais). Daí a obsessão do mar, tão impressiva, e da epopeia e da alma «em pedaços repartida» (Camões). Obsessão tão grande que chega a ofuscar a lembrança de Camões, descendente de Galegos, e a de Camilo, o telúrico romancista da *Galiza Portuguesa*, dita Antre-Doiro-e-Minho e Trás-os-Montes. Daí a impressão de que Portugal — numa ideia de Unamuno que se tornou lugar comum em Espanha — a esta dê as costas ... Certamente que Portugal repudia os intuítos anexionistas que, terra e Povo muito mais antigos, lhe seriam fatais, como foram dolorosas, em curtas épocas da História, a sêde e a fome imperiais de Toledo e Madride ... Mas, na base apodíctica do seu ser nacional, *naquilo que pôde salvar e reter do herdado casal avoengo*, Portugal olha para todos os lados, e não esquece, porque seria irrealista, que só a Espanha o liga à Europa, da qual, porém, segundo o poeta galego intuíu, o distancia o seu «sino arrepiante e grandioso».

Mas já então o aedo luguês reparou que os «rumorosos» de Pondal, os pinheiros dessa «catedral verde e sussurrante»

(Afonso Lopes Vieira) ecoavam longamente sobre o Oceano, em Portugal, que belamente descreve «eternamente deitado rente» ao mesmo Oceano. E logo reconhece nele o seu próprio coração e o seu espírito de *Caminhante*. Parece um retrato de Portugal o que faz de si mesmo num poema assim intitulado, doutro livro de poemas, que é um livro de viagens⁸:

*O Home, creador de países e cidades,
fabricante de casas e paisages,
não será êl tamém país, cidade,
pedra ergueita que caminha? ...
Cando um home anda polo mundo
e tripa c'os seus pés o chao amigo,
vai deixando algo que êl é
e recibe em troques
moi valiosos e preciados tesouros:
um recendo, ùa còr, um desejo,
o garimo da luz e mais da brisa,
cecais ùa canção,
ùa inefável palavra misteriosa⁹.
Mais o homem tem limites concretos:
está feito de choivas e de argila,
de fame e de sêde,
de gelo, lume, menceres e solpores,
de sonhos, melanconias e degaros.
E unicamente,
no horto pechado do seu ser,
medra e grana a frol da sòedade.*

⁸ *Caminhante*, no vol. de Manuel Maria, *O camiño é unha nos-talxa*, A Corunha, ed. Arracada, 1985, p. 85.

⁹ Aqui notamos mais uma das poéticas afinidades de Manuel Maria com Goethe, que escreveu nas suas Memórias (*Dichtung und Wahrheit* — Novembro 1792): «... A mais feliz vantagem do viajar é que os lugares e as pessoas, que então conhecemos, não mais se apartam do nosso interesse durante toda a vida».

Este o segredo que no coração de Portugal marinho (com quantos Galegos?), bordando a própria China milenária com amor, Manuel Maria achou. Por isso iria repetir, em novo poema *Portugal*, escrito em 1985¹⁰:

*Gardo as minhas lembranças portuguesas
ó lado dos desejos,
dos sonhos, do amor,
de todo o que me é íntimo e querido.
A sacra Brácara é a capital
dos meus imprecisos matinares,
onde a vide báquica
abraça, cingue e sube ó olmo,
como cantam
os inolvidávles versos de Virgílio.
Portugal tem as côres
da melanconia e da esperança
e frolece em outonos perfectíssimos.
Os dias portugueses quedaram em mim
incommovívles, c'ũa dourada luz
que ilumina, maina, os meus desvelos,
um mundo de primaveiras e nostalgias,
pombas, roseiras, andorinhas
e caraveles roxos que rebentam
nũa fonda paixão aluciada.
Sempre. Sempre volto. Sempre.
E nunca mais me vou de Portugal.*

Neste poema já é como sujeito oculto duma oração o mar. Não se vê, embora se pressinta na terra. Mas só terra se vê, onde o poeta veio *para ficar*, porque já nela estava pelo espírito, — assombrado agora pela paixão que julga aí abrigada em simples flor, paixão que é fonte de enganos ...

Curiosamente, ao cantar Lisboa, num dos mais belos poemas jamais dedicados à princesa do Oceano, este (ou o Neptuno antigo) não sobe a foz do Tejo a recebê-lo, para o

¹⁰ Na ob. cit., p. 29.

levar nas caravelas ao «mar sem fim», que «é português», no dizer de Fernando Pessoa, enquanto «o mar com fim será grego ou romano». Lisboa se chama essa poesia ¹¹:

*Lisboa não é ãa cidade: é a Cidade,
 lugar pra empadrear a fantasia,
 lar no que um estivo dende sempre,
 lembrança do passado e do futuro,
 capital da nostalgia.
 As nossas paixôs, carrages e degaros,
 teimas, anceios e visiôs acolhem-se
 às formas femeninas dos outeiros
 e habitam as praças e as rectas
 da crara geometria pombalina
 ou as ruas retortas como a vida,
 nas que percuramos certo amparo
 frente à incerteza absurda do destino.
 Ouh, sagro Tejo! Irrepetíve espelho
 pra reflexar, luír e arquivar
 ensonhaciôs tão íntimas e ousadas,
 que endejamais contamos a ninguém.
 Que amor pacente e incontíve,
 que prodijosa luz,
 que outa e pura maravilha
 puido crear tal orde, esta beleza,
 um humano espácio terreal,
 no que não sabe melhora ou perfeição?
 Em Lisboa sentimos — só em Lisboa —
 latejar o nosso coração, acompassado
 c'o ser popular e eterno da cidade:
 ãa fonda tenrura, companheira
 que conviverá com um já toda a vida.*

Manuel Maria é um extraordinário pintor, mas sem lhe quadrar, por forma alguma, o epíteto de realista ou neo-realista, pois tudo lhe passa pelo íntimo. De forma idêntica sentiu Lisboa, no século passado, há um século, o lisboeta

¹¹ No cit. vol., p. 31.

Cesário Verde, esse pré-moderno. O poeta galego encontra-se com uma ternura ou «tenrura», que não mais o abandona. O objectivo e luminoso torna-se pois subjectivo e crepuscular, outonal, saudoso.

Rios e só rios evoca, não o mar, noutro poema do mesmo livro, dedicado ao Porto, o *castrum novum Suevorum*, de que falara o Bispo Idácio de Chaves, natural de Límia, nos sécs. IV-V. Chama-se «O Porto», e diz¹²:

*O Porto é o recendo nostálgico dum vinho:
dom maravilhoso das ribeiras
que morrem no Douro de ondas mansas
como um rebanho de dóciles ovelhas.
Meus caldos do Ribeiro, do Salnês,
do Condado, da Chantada, de Quiroga,
do Ulha, de Betanços e de Amandi,
traio-vos no paladar e na lembrança;
mais beber o alvarinho ouridourado,
duriense-lusitano de nação,
que canta como um melro, cando cai
dende a botelha à copa delicada,
na que há delirantes brilos de rubi,
é libar as essências do país:
a crara luz primaveiral,
os soles do estio,
as canciões das vendimas
e a maturidade generosa do Outono,
dessaingrada em ouros e veludo,
pra fazer deste vinho inesquecível
o hábito, o rito e a medida
da nossa sêde fonda, humana e insaciável.*

A canção ao vinho do Porto, que em minha mocidade chamávamos apenas «vinho fino», envolve a própria paisagem, esfuma-a, esconde-a. O velho burgo galaico-suevo, donde veio o próprio nome de *Portugal* («Portucal»), identifica-se com a ambrosia dos deuses, e espraia-se pelo rio Douro acima

¹² Ob. cit., p. 33.

até às paisagens do Alto-Douro, atravessando vergéis de maravilha. Uma vez mais, a intuição do poeta ultrapassa o visível, e, como barco rabelo, sobe o caudaloso rio que cinge a velha *Gallaecia*, a sul, de aromas e de luz. Guia-a uma sêde, que é divina, pelas terras dentro.

Estes os poemas descritivos, se assim se pode chamá-los, os quadros portugueses de Manuel Maria. Todos os caminhos lhe vão dar à saudade e à alma.

E porquê? Eis o momento de procurar, senão uma síntese, a chave da questão, que não se cifra na emoção pura, na estesia. O poeta confessa, a respeito da pátria¹³:

*Galiza é o povo, e nada mais.
O que não é povo, não pode
ser Galiza ...*

*... que o vento
se encarga de levar; gentes
que, como a escuma, estão
na tona, ou quase estão como
a folha, agachando a árvre.
Pero, cando a escuma se desfai,
queda o rio caudal e rumoroso;
e, assi que cãm as folhas, a árvre
mostra-se potente e gigantesca.
O povo está abaixo, nas raízes,
e é o que sostém a árvre,
os cementos sôbre dos que
se ergue o edificio.*

Justamente a esse nível, no chão heróico, sofredor e imorredouro, no leito dos rios e do mar, com o seu povo e como ele, se encontra Manuel Maria dentro de Portugal, por força do seu génio poético.

Mesmo assim, não esquecendo nunca a terra originária da *Galiza espanhola*. Lembramos, por exemplo, as magníficas lições que proferiu em Lisboa, num Curso de Língua e Lite-

¹³ Manuel Maria, *Versos pra un país de minifundios*, Buenos Aires, ed. Nós, 1969, n.º 11.

ratura Portuguesa, promovido pela Sociedade de Língua Portuguesa em 1972, com o apoio da sociedade «Juventud de Galicia», e que depois foram publicadas sob o modesto chamadoiro de *Notícia da poesia galega de posguerra*, na revista «Língua e Cultura» (tomo II, n.º 1, Lisboa, 1972) e em separata.

§ 4.º

A laia de conclusión

Num já clássico estudo, com data de 1953, mas inicialmente redigido, como se depreende¹⁴, pouco antes da morte de Teixeira de Pascoais, ocorrida em 1952¹⁵, — *Pra ũa Filosofia da Saudade*¹⁶ —, escreve o ilustre filósofo galego Ramón Piñeiro:

«Entre o trascender volitivo-inteleitual e mais o trascender do sentimento, há i ũa diferência essencial: que, mentres no trascender da vontade e do inteleito não se dá *identificação* do ser do home co'a realidade oujetiva, no trascender do sentimento produze-se *identificação* entre a intimidade dos seres humanos. A simpatia e amor identificam, fundem a intimidade de uns com os outros. Mentres que o inteleito e mais a vontade atopam resistência para a sua penetração trascendente através da realidade oujetiva que

¹⁴ Ob. cit. *infra* (na nota 15), p. 5.

¹⁵ Cfr. a meritória, porém deficiente, obra de Jacinto do Prado Coelho (da Academia das Ciências e da Faculdade de Letras de Lisboa), *Dicionário das Literaturas Portuguesas, Galega e Brasileira*, Porto, ed. Figueirinhas, 1960, direcção de..., artigo *Pascoaes, Teixeira de*, do mesmo A. (págs. 588-91), p. 588, onde se diz apenas: «O poeta morreu na sua casa de Pascoaes (Gatão) em 1952»; não se indicando o dia nem o mês, e tão-pouco que a freguesia de Gatão pertence ao concelho de Amarante, distrito do Porto, no Antre-Doiro-e-Minho. As deficiências desta obra, ainda em vida do A., nos referimos em o nosso estudo *O advento de Manuel Maria*, publicado no n.º 3, 1971, da rev. «Língua e Cultura» (Lisboa), e em separata, nota 2, p. 256 (2 da separata).

¹⁶ Ramón Piñeiro, *Para unha Filosofia da Saudade*, Vigo, ed. Galaxia, 1953.

lhes oculta, fai opaco o Ser, o sentimento, pola contra, chega diretamente à intimidade dos seres humanos, que é, como sabemos, o ponto mais cercão ó Ser»¹⁷.

O mesmo autor afirmara antes «a grã importância filosófica de toda lírica verdadeira, pois na lírica revela-se o ser íntimo do home»¹⁸.

Deixemos de parte agora a sua tese de que «a única forma de conhecimento ontológico — de conhecimento do ser do home — senha o *sentir-se*»¹⁹ a si próprio, e o de que *saudade* é apenas o sentimento da própria singularidade, em cada um e por cada um²⁰, ou seja, da sua *sòedade*, ou, como dizemos, por influência culteranista e castelhanizante, em português, hoje, «soledade» e «solidão»²¹. Podemos discutir estes conceitos — desenvolvidos porém com grande profundidade —, pensando, por exemplo, que o «sentimento» parece aí tomado por «consciência» e até por «evidência», e que a saudade não se conforma com a autocontemplação solitária, antes supõe um objecto, um ponto de referência real ou idealmente exterior ao eu. Mas os excerptos acima, referentes propriamente à *identificação* do homem com o seu semelhante e com o que o cerca, constituem uma grande luz para se compreender o valor da mensagem lírica de Manuel Maria, que Xosé Estévez procura situar no «existencialismo» e, como nós, em certo «panteísmo», enquanto vê o poeta a realizar por si essa identificação, transcendendo-se pela afirmação do seu mais íntimo *ser*, em que comunga com a universalidade.

Entretanto, não nos enganem as qualificações propostas, visto exprimirem, no fundo, ideias semelhantes às que nos ditos excerptos de Ramón Piñeiro se contêm — além do mais

¹⁷ Ob. ci., p. 27.

¹⁸ Ob. cit., p. 26.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ Ob. cit., p. 18.

²¹ Cfr. José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, ed. Confluência, 2.^a ed., 1967, s.v. «Soedade» e «Saudade». Nesta: «Do lat. *solitâte*-, «isolamento, solidão», através das formas *soidade*, *suidade* (...). *Saudade*, de *soidade* ou *suidade*, com provável influência de *sauide*, aparece-me pela primeira vez no séc. XV, na *Vida de Santo Amaro* (vj. *Romania*, XXX, pp. 511 e 515)».

que, na expressão de uma *Filosofia Galega*, se pode extrair, mesmo por um só livro, da poesia de Manuel Maria.

Como em círculos e espirais ascendentes e descendentes, os poemas de *Ritual* ora nos elevam o espírito pela imensidade, ora refluem desta, rodando em torno da Galiza; em torno duma zona desta, a Terra Chã, planalto surpreendente na sucessão «de montes e florestas que no Oceano têm seus limites», segundo a descrição de Paulo Orósio; em torno do concelho de Outeiro de Rei, família e tribo; em redor das pessoas e coisas amadas e evocadas em grande parte pela saudade do Poeta e pela saudade poética; em redor da própria *intimidade* do Poeta, sintonizada com a do leitor.

Creemos que, para tudo isto esclarecer melhor, ficará bem transcrever agora dois poemas de Manuel Maria, desse livro, ambos com carácter «religioso», se nos é lícita a expressão.

Um é relativo àquela nossa religião pré-histórica, megalítica, a perdurar nas tradições do povo das aldeias, conforme o esquecido ensinamento de Martins Sarmiento²², religião definida aliás pela Antropologia moderna²³:

*Vivindo estão, pra sempre, Outeiro,
no teu escusado e mágico trasmundo:
o canto-chao, fondo e litúrgico
dos caneiros — Pena, Barreira,
Laverde e mais Gaioso — agora*

²² Francisco Martins Sarmiento, *Ora Marítima. Estudo deste poema na parte respectiva às Costas Ocidentais da Europa*, 2.^a ed. Porto, 1896, p. 102, nota 2, e ss., 122, 124, nota 1 e passim; *Dispersos* (colectânea póstuma), Coimbra, 1933, pp. 21, 50 e ss., 63, nota 2, 64, 68 (referência a *muir*, 116, nota 3, 119, 139, 171 (ref. a *muir* e a Alberto Sampaio), 190, 199 («mouras encantadas»), 392, 404-5 e passim. Este A. refere-se, quanto à situação da Cultura em Portugal, já no seu tempo, ao lamentável «professorismo» dominante, que impedia ver tudo isto (pág. 345).

²³ Cfr. Franz König, *Cristo y las religiones de la tierra* (trad. esp. do al. *Christus und die Religionen der Erde* — Ein Handbuch der Religionsgeschichte, in drei Bänden, Viena, ed. Herder, 2.^a ed., 1956), vol. I, Madrid, 1968, especialmente o 4.^o capítulo: *Las religiones de la Europa preindogermánica*, por D. J. Wölfel, a pp. 151-529. Veja-se também José Augusto Correia de Campos. *Dolmens (habitações ou necrópoles?)*, na rev. «Beira Alta», Viseu (vol. XLI, 1982, pp. 167-188,

*esborralhados, solagados, no escuro
mistério do não-ser, a lenda sagra
das medorras, o engado das galinhas
de ouro do Moução, as histórias
de santos, de meigas e de trasnos,
os medos ancestrais, as palavras
sacramentais que abriam as portas
do impossível país das maravilhas.
Todo está em ti. No segredo lugar,
no que se gardam os sonhos e o amor²⁴,*

Evidentemente, sobre os velhos dolmens os séculos passaram, como o divino sopro da Eternidade, trazendo os anseios cristãos, a santidade, mas também coisas de Mouros... Todavia as rochas, quando o homem ignaramente não atentou contra elas, continuam a viver como ossos da terra que não morre.

Nem o que vulgarmente se chama «superstições» impede o caminho para a verdade, já vislumbrada pelos habitantes das velhas pedras gigantescas: não só porque — disse-o Camões — «o falso deus adora o verdadeiro» Deus, mas porque as recordações esfumadas das crenças pretéritas ficaram no terreno dos sonhos ou dos mistérios, que jaz no fundo da alma de quantos, no mesmo chão duro, perpetuam os anseios de seus remotos avós da Idade da Pedra...

Por isso, não se estranhe a religiosidade profundamente cristã desta evocação, pelo que nela há de «existencial», ao mesmo tempo que expressão da sinceridade, da verdade do íntimo Poeta:

*O meu cansado corpo conhece,
reconhece
a estância morna da humilde
e decorosa eireja parroquial,
só c'uns santos e um altar*

gravs. entre págs. 192-3; vol. XLII, 1983, pp. 47-72; vol. XLIII, 1984, pp. 227-49, e 1984, pp. 715-30; e vol. XLIV, 1985, pp. 141-151), em especial a sua referência aos *menhires* ou menires, a págs. 68 e ss. do vol. XLII.

²⁴ Manuel Maria, *Ritual ... cit.*, p. 80, poema 42.

*barroco. Os meus olhos afeitos
estão à sua penumbra grata.
São João, São Bráís, Santa
Isabel e São Ramón, gente
afincada, de sempre, na paróquia,
dão confiança. As campanas,
co'a sua fala sutil e lembradoira,
convocam a vivos e defuntos.
A eireja é o sagrado, aonde
cada um vai falar consigo mesmo.
E a flebe lamparinha, sempre acesa,
simboliza
o imorrenante ser da nossa tribo²⁵.*

Ao evocar uma cristalina fonte comunal, vêm ao Poeta os ecos da fonte de Sicar, junto da qual pediu Cristo de beber à Samaritana; pois fala-nos de

*... ãa sêde
infinda, que ningãa auga
nos poderá matar endejamais²⁶.*

A mensagem da água, noutro poema, é inocência, como no *Cântico do Sol*, de São Francisco; por isso ela ressoa na intimidade, e essa mesma mensagem,

*Pra recibi-la, abonda tão só
com abrir os olhos, cara a dentro,
e escoitar o canto inquedante
do nosso ser mais fondo, onde
agroma a fonte manantia
dos nídios ensonhares verdadeiros²⁷.*

Eis o recesso da intimidade, ali onde habita Deus, o Ser por excelência. Nem de outro modo, sem o apêlo divino, se

²⁵ Ob. cit., p. 47, poema 15.

²⁶ Ob. cit., p. 51, poema 19.

²⁷ Ob.cit., p. 105, poema 63.

compreenderia um autêntico *Ritual* galego, desprendido embora de todo o inútil fausto. Nem outra coisa seria de esperar de Manuel Maria, que se retratou, num poema assaz citado:

*Eu som Manuel Maria.
Nacim o ano 30, o 6 de Outono,
em Outeiro de Rei da Terra Chá.
Som dũa caste rêja de labregos
fideles à sua terra e ó seu Deus*²⁸.

APÊNDICE

VOCABULÁRIO

Conforme dissemos no final do n.º I, só incluiremos aqui as expressões, dos autores galegos citados, que se não possa considerar mais usadas no português literário de hoje. Excluiremos ainda as que representam o modo antigo de reduzir os grupos *bl*, *cl* e *pl*, como «inevável», cuja interpretação ajudamos com acento não exigível, e *amabre*; como aquelas em que apenas acresce uma letra, como «anaco», «atopar», «esquencer», «sòmentes», etc., ou em que é omitida uma ou mais, como «ambiente», «pacente», respêto», a que falta o nosso *i*, ou como «sòdade», a que falta o corrente *l*, como dissemos no n.º IV, ou ainda «mensagem», etc., a que falta o *m* final que usamos em português; formas regionais ou antigas port., como «alhêo», «aquêl», «árvre», «auga», «avalar», «cando», «catro», «êl», «marmúrio», «pequeninho», «tamém»; aquelas em que ao ditongo *ui* da norma port. corresponde em gal. *oi*, como «coidar», «moito», etc.; formas facilmente identificáveis, como «apesares de», «ó-travêrso de» ou «atravêrso de», «contido» (aliás port., a par de «conteúdo»), «convinte» (idem, a par do erudito, e mais usado, «conveniente»), «cúmio» (também provincianismo port.), «em-porisso», «em troques», «endejamais», «enterneçamento»; e formas apenas divergentes, como algumas dessas, e outras antigas ou modernas, v.g. «conocemento», «conhecimento», «dominhar», «emocioar», «aluciado», «humão», inhóto», «lamparinha», «pessoa», «probe», «vivar», nas quais há alteração de

²⁸ Manuel Maria, *Documentos personaes*, Lugo, ed. Celta, 1958, poema *Carnet de identidade*, transcrito por Camilo Gómez Torres, *Manuel Maria — Versos ...*, (cit. supra na nota 1), p. 109.

letra ou redução erudita do som *n* a *nh*, supressão do *n* intervocálico em palavras cultas, onde o port. culto o conserva, ou a do sufixo erudito *ano*, *-a*, para adjectivos. Entretanto, segundo se disse já, procurámos ajudar a leitura com acentuação, mesmo quando não exigida em português. Eis o vocabulário complementar:

Abelhoar, aguilhoar, fustigar. *Avidoeira*, vidoeiro. *Abondar*, bondar (prov.), bastar. *Abranguer*, abranger. *Acadar*, conseguir. *Acaescer*, acontecer; subst.: época. *A-carão-de*, em frente de. *Acaroamento*, confronto, vista, contacto. *Achantar*, entrar no limo, enterrando pé ou roda; colocar-se no chão; achatar, etc. *Acoro*, rubor, afogoeamento, sufôco. *Acougo*, *acougar*, sossêgo, sossegar. *Adicar*, dedicar. *Afervoar*, acalorar, produzir febre ou calafrio, excitar. *Afeuzar*, assegurar, afiançar. *Afincar*, fincar, fixar. *Afiunçar*, afiançar, confiar. *Agachar*, esconder. *Agarimo* (ou *garimo*), amparo, carinho, affecto. *Agás*, excepto, salvo. *Agre*, acre. *Agromar*, deitar gomos ou grumos (*gromos* em gal.) ou brotos. *Alá*, lá. *Alboio*, cobêrto, alpendre. *Alcender*, acender. *Alindeirar*, pôr limites (*lindeiros*). *Alcontrar*, encontrar. *Alporizar*, eriçar, irritar. *Amossar*, mostrar, amostrar, indicar. *Antergo*, *a*, antigo, a. *Aperta*, abraço. *Apartado*, parte, secção. *A-piques-de*, prestes a. *Arnage*, génio, índole. *Arrequentar*, tornar mais rico, acrescentar, melhorar. *Arrolar*, embalar, cantar para adormecer crianças (cfr. «arrular», port.). *Atal*, tal. *Avantar*, avançar. *Bágoa*, lágrima. *Batujo*, batel (pequeno). *Bicar*, beijar. *Bisbarra*, termo, arredor, zona (cfr. port. «barra»). *Botelha*, garrafa. *Bráis*, Braz, ou Brás. *Brétema*, bruma. *Brilo*, brilho. *Campá* (*campã*), de «campana», sino (cfr. port. «campanha» e «campanário»). *Caneiro*, canal de pedra para a água, contraforte ou parede para segurar as margens dum rio, ou ribeiro. *Cantigueiro*, cancioneiro. *Cara a* (prep.), para, contra, em frente de, em direcção a. *Caravel*, cravo. *Carpaça*, urze. *Carricanta*, cigarra. *Carrage*, coragem, cólera, zanga. *Casa de concelho*, Câmara, em Esp. «ayuntamiento», que representa o poder central. *Caste*, casta, estirpe, geração, raça. *Cavalinho-do-demo*, libelinha, tira-olhos. *Cecais*, talvez. *Ceive* (*ceibe*), livre, solto. *Cercão*, —ã, próximo, a. *Cerilha* (*cerilla*), fósforo. *Cerna*, cerne. *Chantar*, plantar, pôr, cravar, colocar no chão (v. *achantar*). *Chaira*, plaino. *Chairego*, *a*, da chaira. *Chilhona*, engelhada. *Cobijar*, amparar, proteger. *Condoito*, conduto, comida. *Contra de*, contra. *Cunco*, taça. *Curuto*, cucuruto, cimo. *Degaro*, ânsia, desejo veemente. *Demoucar*, esmoucar, partir (alg. coisa). *Dende*, desde. *Desentonar*, destoar. *Desenrolar*, desenvolver (cfr. fr. «dérouler»); — *se*, evolver, evoluir. *Desfaz*, desfaz. *Desvear*, desvendar, descobrir: esp. «desvelar». *Devanceiro*, antepassado. *Devecer*, ansiar, desejar. *Diste*, — *a*, dêste, desta. *Disterar*, distinguir, estremar. *Eireja*, igreja. *Emmeigar*, enfeitiçar. *Empadroar*, assentar num poste, registar, fixar. *Empuxar*, impelir, provocar. *Engado*, encanto, atractivo, engano, isca para pesca. *Engrançar*, engrançar-se, entrelaçar-se, ligar-se a. *Enraigado*, enraizado. *Ensonhaciô*, sonho. *Ensonhar* (subst.), sonho; (verbo) sonhar. *Ensumir-se*, sumir-se, entranhar-se, assimilar-se a. *Ergueito*, *a*, erguido, a. *Esborrallar*, demolir,

desmorronar, derrubar. *Escolheita* (subst.), selecção, eleição, escolha. *Escolma*, colectânea, florilégio, recolha. *Escontra de*, em frente de, em oposição a. *Esculcar*, indagar, espiar. *Escusado*, escondido, escuso, oculto. *Esluir*, roçar, diluir. *Estimança*, estimacção, avaliação. *Estivo*, esteve. *Estombalho*, mau-trato, estado de quem tombou, prostracção, derrancamento. *Facheante*, resplandecente. *Fachenda*, orgulho, esplendor. *Faciana*, face, rosto. *Fai, fam, faz, fazem*. *Falha*, falta, estilhaço. *Fasquia*, tira de madeira; aspecto. *Felão*, traidor, aleive (cfr. port. «felonia»). *Fidel*, fiel. *Flebe* (ou *feble*), débil, fraco. *Frigado*, — a, sulcado, — a. *Frol*, flor (port. ant.; cfr. o apelido «Fróis»). *Frolecer*, florescer. *Gadoupa*, garra, gadanha. *Galha*, galho pequeno, mas também «gala». *Gando*, gado. *Garimo*, (v. «agarimo»), *garimoso*, carinhoso, acolhedor. *Generar*, gerar. *Gitano*, cigano. *Granar*, brotar, espiar. *Intre*, ínterim, momento, intervalo. *Iste*, — a, êste, esta. *Junguir*, jungir. *Labarada*, focagem, labareda. *Laio*, lamentação. *Ledícia*, ledice, alegria. *Lene*, suave, acariciador (a). *Lizegairo*, — a, correntio, — a, ligeiro, — a. *Loita*, luta. *Luír*, brunir. *Lumieira*, *lumieirada*, fogueira, fogos. *Magim*, imaginação, entendimento, cérebro. *Maino*, — a, brando, suave (cfr. o port. «amainar»). *Mais e máis*, mas, mais. *Máis alá*, além. *Malpoucada*, infeliz. *Manantio*, — a, que mana, corrente, deslizando. *Manda-máis*, mandão, prepotente, detentor de poder na sociedade. *Maragato*, natural da região, da prov. de Leão, denominada Maragatería (do lat. *mauricatus*, pela ascendência mourisca das suas gentes). *Medorra*, mamôa (aparente derivado de «mêdo», que mêdo inspira tão vetusto monumento, onde se diz que vivem ou se escondem as «mouras (ou moiras) encantadas»; em irlandês ant., «muir» é o nome desse monumento, segundo Martins Sarmento, que assim estabelece a ligação da nossa palavra «moira» com um étimo semelhante; há, no entanto, em port. *madorra* — Martins Sarmento, *Dispersos*, p. 314 —, mamôa: mas essa palavra é interpretada por Artur Bivar, *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*, 1.^a parte, vol. II, Porto, ed. 1952, s.v., como corrupção de *modorra*, sono, prostracção mórbida, letargia, — o que parece relacionado com túmulos, (que as mamôas ou medorras também foram). *Meiga* (subst.), bruxa. *Meirande*, principal, maior. *Mencer*, alva, amanhecer. *Mendinho*, mendigo. *Mentres*, enquanto. *Moinheiro* (cfr. muiñeiro), moleiro. *Mortecinha*, — a, mortiço, — a; diz-se em geral de fogueira ou borralho. *Mouro*, — a, negro, — a. *Nacim* (ou *naci*), nasci. *Namentras*, enquanto que. *Nebra*, névoa. *Nêno*, menino. *Nídio*, — a, nítido, limpo, puro (a), resplandecente. *Nil*, nele. *Nim*, nem. *Ningum*, — ùa, nenhum, — uma (ũa). *Norde*, norte. *Nostalja*, nostalgia (da pron. esp. «nostálgia») (cfr. «nostalxa»). *Ó*, ao (pron. port. corrente). *Oda*, ode. *Óla*, panela. *Ouca*, espécie de nenúfar. *Ouje-tivo*, — a, objectivo, — a. *Outo*, a, alto, a (cfr. a pal. port. «outeiro», que se deriva de «altariu —», talvez sem necessidade...). *Ouvêo*, uivo. *Pantasia*, *pantástico*, fantasia, fantástico. *Paradiso*, paraíso. *Passe-ninho* (adj.) vagaroso; (adv.) devagar, pouco a pouco. *Pechar*, fechar. *Pescudar em*, investigar, bisbilhotar. *Petrucio*, *petrucial*, patriarca (dono da casa), paterno, — a. *Pola*, pela. *Pola contra*, pelo contrário.

Polo-tanto, portanto. *Prêgo*, súplica, oração (e também: prego). *Pró* (*peró*), porém, todavia. *Pulo*, impulso (e salto). *Punto*, ponto. *Querência*, querença, afecto, impulso que move pessoas e animais a voltar a um sítio; este. *Quiosco*, quiosque. *Ramón* (esp.), Romão. *Recidume*, rijeza. *Recuncho*, recanto, escaninho. *Refrexar*; reflectir. *Regir*, *rige*, reger, rege. *Rêjo*, — *a*, rijo, — *a*. *Remol*, rescaldo, brasas, borralho. *Restalar*, estralejar. *Roborar*, confirmar, dar força. *Romaxe* (*romage*), romagem. *Rubir*, subir. *Ruí*, ruim. *Sagro*, — *a*, sacro, —; sagrado, — *a*. *Sagrêdo*, (subst.), segredo; (adj.) secreto. *Seitura*, ceifa. *Senha*, seja. *Senhardade*, individualidade. *Senheiro*, — *a*, singelo, — *a*. *Sêo*, seio. *Silandeiro*, — *a*, calado, sussurante. *Sobrancear*, dominar, humilhar. *Solagado*, — *a*, submergido, — *a*, alagado, — *a*. *Soído*, som. *Som* (eu), sou. *Sombriço*, — *a*, sombrio, — *a*. *Soupera*, soubera. *Teimudo*, — *a*, tenaz, teimoso, — *a*. *Tenhem* (ou *têem*), têm (aquela é pron. nortenha port.). *Tenrura*, ternura (cfr. o port. «tenro», de «terno»). *Tíduo*, título. *Titi-riteiro*, bonifrateiro, que faz teatro de fantoches, robertos ou bonifrates (monifrates). *Traio* (eu), trago. *Trasmundo*, Outro-Mundo. *Trasno*, duende, trasgo. *Travada* (sílabas), breve. *Tremelar*, tremular, tremer (cfr. o port. «tremelicar»). *Trouxar*, arrastar (consigo). *Ūa*, uma (forma ant., pron. port. nortenha e pron. corrente em parte considerável do Brasil). *Ubicar-se*, *ubicação*, situar-se, colocação. *Unha*, pron. *ũa*, o mesmo que esta palavra (grafia castelhanizante). *Vanço*, avanço, etapa, lanço. *Vegada*, vez. *Vencelho*, *vencelhar*, liame (vínculo), ligar, (vincular).

Repetimos: este vocabulário, em muito dispensável aos familiarizados com a fala galega ou regional portuguesa (e brasileira), contém algumas palavras comuns ao português e ao galego.

Gualter Póvoas